Valor Ético, um dos pressupostos da sustentabilidade: novo paradigma do desenvolvimento

Enoque Gomes[1]

O objetivo básico do presente texto é apresentar para discussão a relação que necessariamente deve se estabelecer entre ética e desenvolvimento. Nesse sentido verifica-se que a postura ética é um dos fundamentos exigidos para a sustentabilidade do desenvolvimento dentro do novo modelo paradigmático. Ou seja: para que o desenvolvimento seja sustentável torna-se necessário um novo padrão de comportamento individual e social. Assim sendo, o conceito de desenvolvimento segundo o novo paradigma de sustentabilidade implica na adoção e prática de outros valores além do valor econômico (do lucro, do excedente, da acumulação, etc.). Esses valores são de ordem social e ecológica exprimindo o compromisso da sociedade e de suas elites com as gerações presentes e a solidariedade com as futuras.

Pensa-se, então, que para a superação da crise em que vive a Humanidade atual, só um enfoque holístico, inter/multi/transdisciplinar e sustentável do desenvolvimento será suficiente para uma saída eficaz.

Nesta direção, a Filosofia (a ética, por exemplo), a Ecologia, a Sociologia Política, entre outros ramos da Ciência e não só a Economia, têm um novo espaço e um imensa responsabilidade na definição e implementação de políticas e programas sustentáveis de desenvolvimento. Isto para o bem-estar global da Humanidade, ou melhor para a usa felicidade integral.

[1] Professor adjunto do DCG e do Mestrado de Direito da UFPE.

1. Valores e Desenvolvimento

O sistema capitalista e sua ideologia têm dado enorme ênfase ao valor econômico como sendo o mais importante dos valores. E a tecnologia, seu progresso e processo de modernização têm se constituído como instrumento da obtenção e maximização do valor econômico. Na sociedade capitalista (em que vivemos) tudo está condicionado à realização do valor e da mais-valia (econômica). A máquina capitalista (empresas, Estado e seus AIEs, etc.) têm como principal objetivo à difusão da cultura do valor econômico, supremo fim do capitalismo. O lucro máximo e a expansão crescente empresarial são as principais funções-objetivo do capitalismo atual de regulação monopolista. Para isso, as economias capitalistas lançam-se no frenesi da competição interna e externa em níveis cada vez mais elevados.

Nessa guerra sem limites e sem fronteiras, a lei predominante é "vencer e vencer". Nesse contexto, a corrida tecnológica é interminável, provocando todo um séquito de mazelas tanto ao norte como ao sul do sistema capitalista. O protecionismo e o neo-protecionismo têm sido a regra geral transformando o mercado mundial num clube fechado a "7" (às sete maiores economias capitalistas), excluindo a maioria das economias, principalmente as mais pobres e subdesenvolvidas.

Todas as teorias econômicas (clássica, marxista, neoclássica, keynesiana, etc.) têm se fundado sobre a categoria valor (valor-trabalho) e sobre a moeda e preços, principalmente para os monetaristas e neo-monetaristas (inspiradores do FMI e Banco Mundial).

Toda a civilização, sobretudo a ocidental, está impregnada dessa civilização capitalista, baseada no valor econômico e sua maximização. Esse modelo civilizatório, que funda a sociedade moderna e pós-moderna, seu Estado e suas instituições, põe em

plano inferior outros valores e dimensões como: os valores humanos (solidariedade, cooperação, amor, etc), valores morais (a busca do bem, da justiça, etc.), valores culturais (a conservação da arte e da tradição, etc.), valores estéticos (a busca do belo enquanto belo), valores epistemológicos e gnosiológicos (a busca da verdade, do conhecimento, etc.), o valores cosmológicos (busca da natureza, etc.). O processo capitalista de "desvalorização" de valores fundamentais à Humanidade vem crescentemente provocando o que se convencionava chamar "crise de civilização e crise de sociedade", decorrente da "american way of life", mais manifestada pela "sociedade de consumo".

2. Da "crise de civilização" à "crise do modelo de desenvolvimento capitalista"

A lógica do processo de valorização capitalista (do tipo D-M-D') valor produzindo mais-valor acarretou o agravamento das sequelas desse processo ou seja a "desvalorização" de valores fundamentais, acarretando problemas como: a dessocialização, a desumanização, a desnaturalização e a desecologização; a desmoralização/corrupção/impunidade; a "desaculturação"/ despolitização/desconscientização, etc. Tudo isso, traduzindo-se num processo de desapropriação de valores importantes ao ser humano e provocando-lhe uma profunda e ampla alienação. E o resultado conhecido tanto ao norte como e principalmente ao sul é um intenso processo de empobrecimento humano e natural, mais conhecido por crise da qualidade de vida e do bem-estar. Crise esta, tida como a mais grave de toda a História da Humanidade. Vive-se um profundo e amplo paradoxo e contradição: vivi-se rodeado de riquezas, e é-se pobre e até miserável; vive-se o mais extraordinário progresso material e tecnológico, e é-se infeliz. É isso que tentam analisar pensadores como George Orwell em "1984"; Alvin Tofler, em o "choque do futuro", Radovan Richta em "a

civilização na encruzilhada", Rudolf Bahro "em a alternativa", entre outros críticos.

Assim, o fato é que esse modelo de civilização e de desenvolvimento (fundado apenas no valor econômico) impôs à Humanidade atual a mais grave, a mais profunda; a mais global das crises sociais. A crise compreende não apenas o campo econômico (dívidas externa e interna) mais também outros, como o institucional (crise do Estado); o moral (corrupção, impunidade, consumo de drogas, etc.); o social (o desemprego em massa, a exclusão social e a criminalidade); o ambiental e ecológico (poluições, destruição do patrimônio natural e genético, etc.); o cultural (destruição do patrimônio cultural, da tradição, a difusão e massificação de valores alienígenas, etc.); o espacial (a concentração espacial-urbana provocando desequilíbrios regionais, etc.). A herança capitalista atual é manifestada universalmente em indicadores como a violência, a corrupção, a fome e a miséria e a especulação generalizada (financeira, comercial e imobiliária). Tudo isso significa o fim trágico de um modelo, de um processo e de um paradigma que se baseiam no individualismo, no liberalismo, no capitalismo com o seu economicismo e tecnismo desenfreado e sem limites.

Além de uma profunda, ampla e duradoura crise econômica, vive-se hoje uma crise de valores, de identidade, de ideologia, de História e de Geografia (crise de Tempo e de Espaço). Toma-se consciência hoje de que nem o capitalismo, com o seu neoliberalismo e nem o socialismo real, sobretudo o do Leste Europeu (que pretendia substituir o capitalismo) não foram capazes de resolver os problemas quotidianos de seus cidadãos. Esta percepção produz uma profunda desilusão: uma verdadeira crise existencial para um pretendido cidadão do Mundo do XXI e Terceiro Milênio.

3. Compatibilização entre meios e fins: as relações necessárias entre técnica e ética – o enfoque do desenvolvimento sustentado

A importância da Racionalidade Instrumental no Capitalismo Moderno

A modernidade possui, entre outras características, a do subjetivismo cujas raízes estão na Renascença. A primazia da razão foi reforçada por inúmeras correntes filosóficas que projetam o "eu", a "razão" ou o "sujeito", como realidade primordial. O "eu penso, logo existo" (ego cogito, ergo sum) de Descartes, passou a ser o novo paradigma do ponto de vista metodológico e científico. A partir dessa nova posição antropocêntrica, o homem começou a ser o centro do Universo e a desvendar seus mistérios. A ética daí decorrente tornou-se de natureza individualista, estimulado pela filosofia subjetiva, o homem teve o grande desafio de tentar revelar os grandes mistérios e enígmas do Universo. Aí teve origem uma grande corrida ao cientificismo e tecnicismo, cultuados nas Escolas, Universidades européias, em particular da Espanha e de Portugal que incentivaram as grandes descobertas. A partir desse momento, na Europa se iniciava um intenso processo de revoluções científicas, tecnológicas e industriais que a Humanidade nunca antes havia conhecido.

A preocupação maior atualmente é com os impactos e os limites dessa desenfreada corrida científica e tecnológica para as populações mais vulneráveis e o meio ambiente do Planeta e seus ecossistemas. Há necessidade, então, de um meio que oriente e normatize os desafios e rumos da ciência e da técnica. Assim, o campo do saber que regula e normatiza os atos humanos à luz da razão natural é a ética, como afirma J. De Finance. Como Ressalta A. Moser (1984), originariamente, ética significa "a morada do

homem". Isso vale dizer que o homem só se encontra "em casa", quando se encontra em íntima sintonia com as tendências mais profundas de seu ser e quando convive em harmonia com os outros e com o seu meio ambiente.

C. Furtado (1980) tem se preocupado com essa questão em relação ao desenvolvimento. O estudo do desenvolvimento tem como tema central a invenção cultural, em particular a morfogênese social. Para o referido economista, a invenção cultural tende a ordenar-se em torno de dois eixos:

a) a ação do homem a que M. Weber chamou de "racionalidade formal ou instrumental" e daí, a técnica;

b) e os fins a que o homem liga a própria vida e que também M. Weber denominou "racionalidade dos fins ou substantiva", daí, os valores.

A sociedade neste ou naquele momento de sua História favoreceu mais a criação de técnicas e menos a de valores. Assim tem sido no capitalismo. E vale ressaltar que o progresso técnico possui um poder de difusão maior do que o da criação de valores. E as técnicas são mais universais do que os valores.

"Na civilização industrial, a capacidade inventiva do homem foi progressivamente canalizada mais para a criação tecnológica, fato que explica a formidável força expansiva que a caracteriza. Nesse contexto histórico, a visão do desenvolvimento tem-se circunscrito mais à lógica dos meios que conduz à idéia de eficiência e à inovação técnica" (Furtado, 1984).

A concepção de História como uma marcha progressiva para o racional tem no iluminismo a sua base de apoio teórico. Este também fundamenta a idéia de progresso.

A nossa visão sobre essa problemática é que a técnica e sua modernização são instrumentos que devem ser regulados por valores éticos: servir à humanidade, e não utilizá-lo como meio de

aumentar a base de acumulação de capital e de riquezas. Portanto, defende-se a idéia de compatibilidade entre técnica e ética ou seja, de meios e fins, dentro de uma nova ordem social, política e ética.

4. Da crise emerge um modelo de um novo paradigma: o da sustentabilidade e do enfoque holístico do desenvolvimento

Tudo indica que o principal elemento da crise do sistema capitalista não é o econômico (apesar de sê-lo grave), mas o ético. Esse elemento mina não só a estrutura empresarial e gerencial, mas também o Estado e suas instituições.

Maurice Allais, Prêmio Nobel de Economia de 1987, mostrou que a economia atual está mais ocupada com a especulação financeira que com a produção. O que nos mostra uma desconexão entre os meios e fins do sistema financeiro. O que se constitui num problema de ética econômica. J.F. Couvrat e N. Pless denunciam, na "Face Oculta da Economia Mundial", o extraordinário mercado (subterrâneo) de drogas, de armas, dos "Paraísos Fiscais", etc. É um mercado avaliado em trilhões de dólares, espalhado tanto ao Norte como ao Sul e bem articulado. Essa prática de natureza econômica e financeira é totalmente imoral porque desestrutura não só o lado produtivo da economia acarretando a falência de muitas empresas, mas também destrói o tecido social e seus costumes, e enfraquece as instituições democráticas.

Contudo, a atual crise de paradigmas por que passa a Humanidade oferece também a oportunidade (crise no sentido oriental do termo) de mudanças e com possibilidades de melhorias inclusive na qualidade de vida. Essa é a preocupação maior de muitos cientistas, pesquisadores, estadistas, políticos e ecologistas, entre outros. Os movimentos ecologistas/ambientalistas e pacifistas em muito contribuem para mudar a lógica capitalista que provocou a crise de sociedade que se vive atualmente.

As Organizações Não-Governamentais (ONGs) vêm se juntar às Organizações Governamentais (OGs), ou seja ao Estado e ao Setor Público e também à iniciativa privada com objetivo de superar a crise atual com a implementação de um novo modelo de desenvolvimento e de uma nova filosofia social e política. O modelo clássico/tradicional de desenvolvimento (que foi mais de crescimento econômico) de ideologia capitalista buscou mais o lucro e o predomínio do mercado. A falência desse modelo associada à derrocada do socialismo real e da guerra fria põe um freio às corridas de natureza meramente econômica e armamentista. Abre-se um novo e promissor espaço político para a implementação de um novo modelo verdadeiramente de desenvolvimento que contemple melhor o social e o ambiental. Emerge um novo paradigma de desenvolvimento: o da sustentabilidade. Nesse sentido, o pensador italiano Íalo Calvino (1991) apresentou seis propostas para o próximo milênio que se resumem em: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. O verdadeiro desenvolvimento que possua sustentabilidade deve realizar essas propostas.

Convidados pelo Presidente F. Mitterrand a Paris, entre 18 e 21 de janeiro de 1988, vários Prêmios Nobel de diversas áreas do conhecimento fizeram um diagnóstico das ameaças atuais à Humanidade e ao Planeta e apresentaram também algumas recomendações (para se superar os mais graves problemas atuais). Entre as ameaças estão: as epidemias, a fome, o terrorismo, a tortura, a poluição, a AIDS, o câncer, a ameaça nuclear, a matança das crianças e dos adolescentes, etc. E para se tentar superar esse desastre social, econômico e principalmente moral, frutos do atual modelo de "desenvolvimento", os referidos Prêmio Nobel apresentaram algumas sugestões:

1. Todas as formas de vida devem ser consideradas como um patrimônio essencial da Humanidade. Destruir portanto e equilíbrio ecológico é um crime contra o futuro.
2. A espécie humana é única e cada indivíduo que a compõe tem os mesmos direitos à liberdade, à igualdade e à fraternidade.
3. A riqueza da humanidade é também sua diversidade. Ela deve ser protegida em todos os seus aspectos: cultural, filosófico, espiritual. Para isso a tolerância é uma qualidade fundamental.
4. A ciência é um poder, seu acesso deve ser igualmente distribuído entre os indivíduos e povos.
5. A educação deve ser a prioridade absoluta de todos os orçamentos e deve ajudar a volorizar os aspectos da criatividade humana.
6. Nos países subdesenvolvidos, em particular, as ciências e tecnologia devem estar disponíveis para lhes permitir controlar seu futuro e definir, eles mesmos, os conhecimentos necessários.
7. A televisão e os novos meios de comunicação constituem um instrumento essencial de educação para o futuro; a educação deve ajudar a desenvolver o espírito crítico face ao que difunde a mídia.
8. A educação, a alimentação e a prevenção são os instrumentos essenciais de uma política demográfica e de uma redução da mortalidade infantil.
9. A biologia molecular, que por seus progressos recentes, permite se esperar progressos na medicina e isolar a dimensão genética de certas doenças, deve ser encorajada, o que ajudará a prever e talvez a curar certas doenças.

10. O desarmamento dará um elan importante ao desenvolvimento econômico e social devido também ao fato da limitação dos recursos do Planeta, hoje mais do que nunca dirigidos para a indústria de armamento.
11. Os governos devem se engajar sem ambigüidade no respeito aos direitos humanos e aos tratados que eles ratificaram.
12. Uma atenção especial deve ser dada pelos governos e Organizações do Primeiro Mundo ao conjunto dos problemas dos países subdesenvolvidos, com o objetivo de com eles se discutir soluções sustentáveis para o seu desenvolvimento.

O esforço para se superar a crise atual e implantar um novo paradigma de desenvolvimento tem sido constante e grande, sobretudo, a partir do final dos anos sessenta, mas tendo seu ponto mais alto com a realização da Conferência de Estocolmo em 1972, em que se questionou bastante o atual modelo de desenvolvimento e se discutiu a relação entre desenvolvimento e meio-ambiente. Surgiu então o controvertido "Relatório do Clube de Roma" e a necessidade de "crescimento zero". Pensadores como Robert Ridell, Ignacy Sachs, entre outros, elaboraram estratégias de desenvolvimento levando em consideração a preocupação ambiental (daí a teoria do ecodesenvolvimento). Passados vinte anos de discussões práticas, acertos e desacertos, inclusive do extraordinário avanço dos movimentos ambientalistas e pacifistas, dos partidos "verdes"; em dimensão planetária, realizou-se com sucesso a "Rio-92" ou "Eco-92". Essa Conferência patrocinada pelas Nações Unidas e com o apoio de mais de cem Chefes de Estados e de Governo de todo o Planeta discutiram estratégias de implementação de uma nova forma de a sociedade se relacionar com a Natureza e de se organizar. Essa nova maneira implica em

se considerar mais os aspectos sociais (solidariedade com as gerações presentes) e os aspectos ecológicos (solidariedade com as gerações futuras), através das conquistas econômicas e tecnológicas. Segundo esse enfoque, o aspecto econômico é meio (e não fim) e através dele se poderá atingir o bem-estar e a melhoria do nível de vida. É essa a filosofia do chamado desenvolvimento sustentado. E isso implica numa nova postura ética, de solidariedade, cooperação e de compreensão da realidade de forma holística e inter/multi/transdiciplinar.

5. Emergência da Civilização do Ser: objeto fundamental do desenvolvimento sustentado

Para se sair da megacrise planetária em que se vive hoje, torna-se urgente e necessário dar um "salto" quântico de consciência, a partir da existência, em pleno curso, de uma revolução epistemológica, científica e cultural.

A Declaração de Veneza, de 1986, chama ao diálogo e à prática transdisciplinar.

Os mais ilustres representantes das ciências contemporâneas da pós-modernidade uniram-se numa imprescindível sinergia, visando à sobrevivência, "com qualidade e dignidade", da nossa espécie ameaçada.

Do encontro das dimensões: das ciências e das tradições, emerge uma nova civilização: a do Ser.

Para isso, tornam-se necessário os seguintes encontros e diálogos:

a) o encontro das Ciências e o diálogo interdisciplinar;

b) o encontro das Tradições e o diálogo da Comunicação;

c) o encontro da Ciência com a Tradição produzindo uma nova transdisciplinaridade.

Desses novos encontros e desses diálogos emerge a civilização do ser que se baseia no resgate da Mística e da Ética, como condição necessária para que isto aconteça. É a partir daí que se pode pensar numa civilização do bem-estar e da felicidade para o ser humano.

Bibliografia

BUARQUE, C. *A desordem do progresso*: o fim da era dos economistas. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1990.

BONTEMPO, M. *A sociedade planetária*. São Paulo. Editora Best Seller, 1991.

BRUNDTLAND, G. H. *Preservação e uso sustentável*. Revista Ecologia e Desenvolvimento, nº 3 , 1993.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

CONFERÊNCIA DOS LAUREADOS DOS PRÊMIOS NOBEL EM PARIS: "Promesses et menaces" à l'aube du XXIe siècle, 18-21 janvier 1988. Editions Odile Jacob, 1988.

COUVRAT, J-F. e PLESS, N. La face cachée de l'économie mondiale. Paris, Hatier, 1988.

GARAUDY, R. *Ainda é tempo de viver*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

LIPETZ, A. Choisir l'audoce: Une alternative pour le XXIe siècle. Paris, Ed. La Découverte. 1989.

MOSER, A. *O problema ecológico e suas implicações éticas*. 2ª ed. Petrópolis, Ed. Globo, 1984.

RIBEIRO, L. A. Costa. Gerenciamento aplicado ao meio ambiente, Folha do Meio Ambiente, Brasília, setembro de 1993.